

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	24.º Anno — XXIV Volume — N.º 800	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. da Paço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
	36 n.º*	18 n.º*	9 n.º*	entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	2\$800	1\$900	\$950	\$120	20 DE MARÇO DE 1901	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



MARQUEZ DE SOVERAL



## CHRONICA OCCIDENTAL

O decreto sobre as congregações religiosas e os boatos de crise, as barulhadas na rua e os nomes indigitados para ministros, foram sem duvida os mais importantes assumptos dos ultimos dias decorridos.

O céo não parece ter querido proteger os entusiastas do marquez de Pombal e Aguiar e umas boas cargas d'agua afastaram mais depressa do Rocio os numerosos grupos de exaltados do que, nas vespersas, o haviam conseguido as cargas do chanfalho policial. Aos boatos de crise politica foi succedendo o mesmo. Dispersaram.

Um dia d'estes, grupos e boatos voltarão a formar-se no Rocio de noite e na Arcada de manhã. Dizem alguns que os dois assumptos se ligam intimamente; outros, porém, affirmam que o mi-

nisterio se vê em crise por motivo das reclamações dos crédores estrangeiros.

O aspecto da cidade nem por isso se transtornou. A' noite, ha quem não goste de atrever-se pelo Rocio, com medo d'alguma que venha fóra da barulha, como aconteceu ao nosso collega Bruschy, da Nação, que decerto não estava soltando gritos nem contra os jesuitas, nem a favor da liberdade; mas, nas tardes bonitas, as mulheres bonitas saem contentes para a rua e passeiam alegres, dando com a sua primavera a primavera a mais linda das notas.

Já nas arvores se esfuma um tom verde muito ao de leve; as olivas cõr de vinho riem ao sol, e já, até depois do sol posto, no grande ulmeiro do Rocio, os pardaes chilreiam com muito maior contentamento.

Chega o sol, vão-se as estrellas. A derradeira a brilhar foi Bellincioni na Tosca. Com mais meia duzia de recitas fechou S. Carlos.

Entretanto teremos para muito breve uma novidade: nem mais nem menos do que a abertura d'uma nova sala de espectaculos, — o theatro dos peizes na Avenida. Eduardo Schwalbach encar-

regou-se da peça de abertura e conseguiu fazer uma obrasinha, que ha de ser adorada por todas as creanças: *A Historia da Carochinha*. Tudo peizes a representarem, theatro todo illuminado a luz electrica, elegantemente decorado, scenario maravilhoso, guarda-roupa deslumbrante, e tudo o mais com todos os epithetos do costume, só com uma differença: d'esta vez é certo.

O novo theatro dará dois ou tres espectaculos por dia, sendo o primeiro á tarde. De verão, a luz electrica permitirá que a temperatura seja pouco elevada. E depois... as crianças divertidas nunca teem frio nem calor.

Fim de inverno. Já pelas esquinas se annunciam as primeiras cinco toiradas e se faz alarde dos grandes matadores que virão visitar-nos. Queira o sol, e teremos uma esplendida inauguração. Queira o sol e queiram os toiros, que para isso não costumam ser consultados e que nos ultimos annos teem demonstrado para a brincadeira em que os mettem uma falta de gosto singular.

Ah! curros que foram!... Era tal a fama que d'antes tinham os toiros da Peninsula que, segundo o auctor do *Quo Vadis*, era a Hespanha que os imperadores romanos os mandavam buscar para os seus espectaculos no Circo. Mas em Hespanha parece tambem que os toiros vão soffrendo d'essa mesma pecha de mansidão. A pega de cara feita pelo athleta, na presença de Nero, para salvar Lygia, e que o Brazão no *Petronio* tão bem descreve, não tinha valor nenhum se tivesse sahido á praça, em vez do toiro que lá se diz, um d'estes que nós sabemos.

Os bichos vão-se, pouco a pouco, civilisando. Os bois fizeram greve para não marrarem com grande gaudio da Sociedade Protectora dos Animaes, que, ha muito anda, em Portugal e Hespanha, fazendo esforços para acabar com esse espectáculo classificado por ella como o mais barbaro dos existentes. Fizeram-lhe os bois a vontade.

Entretanto a feira de Sevilha e as extraordinarias festas da Semana Santa e Paschoa já andam por ahí faladas e os comboios como nos annos passados irão a trاسبordar. Claro é que um dos numeros do programma mais attrahente é o das reclamadissimas toiradas.

O inverno diz adeus; mas o numero final é de estrondo, não lhe faltando o zabumba e mais instrumentos de pancadaria, representados na orchestra da natureza por uma boa meia duzia de trovões.

Na alta roda de Lisboa o inverno despediu se com o esplendido baile realiado nas salas da legação de Allemanha. O minuete dançado por meia duzia de pares vestidos á moda do seculo passado foi applaudidissimo, sendo tres vezes repetido.

Foi a ultima grande festa do high-life. A primeira andorinha já veio dar o signal para que terminem os divertimentos das longas noites. O campo começa a encantar os olhos. Já os dias são eguaes as noites; já os noctivagos distrahidos, ao metterem o trinco na fechadura, vêem o oriente e-branquiçado; já o crepusculo da tarde se prolonga para muito além das seis horas.

Vamos entrar na semana santa, que é um dos marcos mais notaveis do anno. Sabbado de alleluia, com toda a sua alegria, é o principio d'uma nova estação. Entram em scena as flores e os passaros. A primavera é comnosco.

Tanta mudança no céo e na terra, e os homens sempre o mesmo!

Não ha melhoras para elles. Correndo o sumario dos telegrammas estrangeiros, não lemos senão noticias tetricas de guerras que continuam,

d'outras prováveis ou possíveis. Não acabam os combates no Transvaal, complicam-se os negócios na China. A muito poderosa Inglaterra vão-se-lhe enfraquecendo os músculos com que prometia vencer a todos. Ainda se não sabe como terminará a lucta já tão demorada no Transvaal, quando lhe surgem complicações com a Rússia a proposito dos caminhos de ferro no extremo oriente.

E já todas estas noticias são lidas com certa indiferença. O seculo XIX, mau grado seu pomposo cognome, foi nos costumando a esperar quanto seja trevas e tristezas. A salvação esperam-a dos progressos da sciencia e só d'ella temos humanamente a esperar. Pena é que tantos esforços scientificos tenham apenas sido applicados á arte de matar e que se faça misterio até dos mais fortes explosivos, que tantas e tão excellentes applicações poderiam ter na mechanica, fóra dos engenhos de guerra.

Por um lado todo o progresso nos instrumentos de dar cabo da vida, todo o favorecimento aos diferentes meios de propagar a morte; por outro o estudo constante para addiar a velhice e prolongar a vida humana. Veja-se a estatística dos inutilizados na guerra da Africa do Sul. Quantos inglezes foram mortos pelas balas dos boers, quantos falleceram de doença nos hospitaes, quantos repatriados por ferimentos ou infecções! E entretanto, desde as grandes descobertas de Pasteur, a vida humana augmentou consideravelmente; a cirurgia progrediu por forma maravilhosa, consentindo operações que, ha quinze ou vinte annos, os mais notáveis medicos não sonhariam aconselhar. Esta é que de veras é uma lucta de gigantes, como nos antigos romances fantasticos. A fada boa d'um lado, o feiticeiro negro do outro. Muita chalaça á mistura, uma parte comica consideravel, dão de vez em quando á peça um ar de magia do Garrido. Também não é mau distrahir.

A caricatura toma devida conta dos factos notáveis da politica, e entre desgraças, mortos e feridos, vae dando a sua gargalhada e fazendo seu commentario. Os jornaes francezes, allemães, russos, tem publicado milhões de caricaturas a proposito dos vencedores inglezes. Entre nós também Raphael Bordallo os não tem esquecido. Uma das suas ultimas paginas da *Parodia*, o Kruger de coruja, ficará celebre entre todas.

Que diabo! Se a gente não rir um bocado, que nos fica sendo a vida? Quem atura hoje uma tragedia, por lindos versos que tenha, se um só d'elles, pelo menos, não fór capaz de nos descerrar os labios?

E é exactamente no meio do lucto, que a vontade de rir mais aperta. Vejam quantas historias nos antigos nojos, de janellas todas fechadas, e os donos da casa ao canto da sala embrulhados no capote de camellão. Não havia nojo d'esses que não desse anecdotes para contar. As graças funebres enchiam um dictionario de Larousse.

— O sr. Fulano está em casa?

— Xim, xenhor, responde o gallego que veio abrir a porta. Mas agora parece-me que num lhe póde falar.

— Porque?

— Porque falleceu.

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO CONSELHEIRO D'ESTADO  
MARQUEZ DE SOVERAL

É hoje um dos nomes mais em evidencia na politica portugueza. Nosso ministro em Londres, desde que deixou de exercer este logar o conselheiro Barjona de Freitas, que para elle fóra nomeado depois do grave conflicto de 1890, as relações de amizade que entre as duas nações se foram desde então estreitando, são na sua maior parte devidas ao zelo e intelligencia do illustre diplomata e ás muitas sympathias de que goza em Londres e em muitas côrtes da Europa.

Natural de S. João da Pesqueira, depois de ter feito seus preparatorios e frequentado, como aspirante de marinha, algumas cadeiras da Polytechnica do Porto, Luiz Pinto de Soveral partiu para a Belgica onde fez com distincção o curso de sciencias politicas e administrativas. Voltando a Portugal, fez concurso para segundo secretario

e, entrando na carreira diplomatica, serviu nas legações de Madrid, Berlim e Vienna d'Austria. Foi para Londres como primeiro secretario e, depois de haver sido encarregado de negocios, logar em que demonstrou suas extraordinarias qualidades, foi finalmente nomeado ministro, com applauso unanime, embora em embaraçosas circumstancias.

Quando da penultima passagem dos regeneradores pelo poder, foi chamado para se encarregar da pasta dos estrangeiros e fel-o com o bom senso de que tem dado constantes provas na sua já longa carreira.

Tendo o ministerio pedido a demissão, Luiz de Soveral voltou, passado pouco tempo, novamente para Londres, onde foi recebido com carinhoso acolhimento, pois que ali conta numerosos amigos na maior altura social.

Foi-lhe, ha poucos mezes, por seus relevantissimos serviços, concedido o titulo de marquez e agora, para a vaga que se deu no Conselho de Estado, foi seu nome preferido, com geral applauso.

O marquez de Soveral tem recebido de muitos governos europeos as mais distinctas provas de consideração. Portugal não podia mostrar-se ingrato para com esse homem, que, honrado como poucos, tem sempre honrado a terra em que nasceu e que tanto estremece.

## SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

É opportuno, cremos, esboçar, posto que rapidamente, os fundamentos da sociedade, cujo inicio não foi isento de difficuldades e de obstaculos suggeridos, de despeitos, mal reprimidos, de descrencas manifestas, de insinuações malevolas e até capciosas.

Foram seus iniciadores e fundadores os advogados José da Cunha Sampaio e Avelino da Silva Guimarães o proprietario Domingos Leite de Castro, o medico-cirurgião Avelino Germano da Costa Freitas e o negociante Domingos Ferreira Junior, o primeiro fallecido em 15 de setembro de 1900, e o ultimo em maio de 1887, dedicados e assíduos trabalhadores, que com enorme coragem e abnegação, souberam vencer e triumphar d'entre tantas contrariedades que pretendiam embaraçar o caminho para a realização de tão grande plano altruista.

Uma das primeiras difficuldades apresentou-se logo que trataram de escolher nome para a sociedade, pois difficilmente venceram os promotores, a relutancia por parte do hoje fallecido dr. Martins Sarmiento em dar o seu nome, relutancia essa que plenamente acha justificacão, conhecendo-se o character recto e modestissimo de Martins Sarmiento.

Teve logar a primeira reunião preparatoria n'uma das salas da *Assemblea Vimarensis*, em 20 de novembro de 1881.

Os estatutos foram approvados em 7 de janeiro de 1882, sendo na reunião d'assemblea geral a 20 do mesmo mez eleita a primeira direcção e aclamado unanimemente socio honorario o dr. Martins Sarmiento, manifestando-se publicamente e perpetuando por uma forma duradora a alta consideração em que os seus conterraneos tinham o seu nome, intelligencia e impoluto character.

Desde esse dia a direcção presidida por José da Cunha Sampaio não descurou da tarefa que lhe havia sido confiada, e começou submettendo á apreciação de seus consocios, diversas propostas tendentes a regularisar a marcha dos trabalhos da sociedade, entre as quaes foi approvada uma do sr. Avelino da Silva Guimarães para creação d'uma bibliotheca popular e publica, que a breve trecho possuia uma collecção de 10:000 volumes entre livros, folhetos, manuscritos, etc.

Domingos Leite de Castro que, na qualidade de director, se encarregou da organização da bibliotheca, coadjuvado por Alberto Sampaio, poude não sem difficuldade realisar a sua inauguração a 9 de março de 1883, anniversario natalicio do dr. Martins Sarmiento.

Hoje progredindo, conta essa bibliotheca uma preciosa collecção que excede a cifra de 33:000 volumes.

Nesse mesmo anno foi aberto á matricula o curso de desenho regido pelo professor Antonio Cardoso, no seguinte o curso de francez por João Pinto Queiroz, ambos cursos nocturnos.

Foi também votado e approvedo o regulamento escolar, sob proposta do sr. dr. Joaquim José de Meira que se reportou aos congeneres de Luxemburgo e Sax.

Tendo a camara municipal subsidiado pecuniariamente a compra de mobilia, utensilios escolares e ainda o vencimento do pessoal menor, foram por

Francisco Sarmiento, Conde de Margaride e professores, estabelecidos de seu bolso, premios pecuniarios para os alumnos mais distinctos, incitando assim a frequencia á escola e aproveitamento.

Encetou-se a publicação da *Revista de Guimarães*, boletim da sociedade que entrou regularmente em edição, sendo manifesto o estado de adiantamento a que chegou e accentuando dia a dia a sua importancia, valor e utilidade pratica, com justo aprazimento dos seus instituidores e de Martins Sarmiento que inteiramente se lhe dedicou.

Nos fins de 1887 installou-se definitivamente a sociedade no edificio onde hoje está, uma parte do antigo convento de S. Domingos que lhe foi cedido por decreto de 12 de junho de 1888.

No 1.º de janeiro d'este anno foi franqueada e aberta ao publico a bibliotheca, a 9 de março de 1895 foi inaugurado o museu archeologico e de numismatica e em igual dia de 1900 foi organizado o museu industrial que occupa uma parte do pavimento superior do antigo claustro.

Reconhecendo a direcção da sociedade a absoluta necessidade d'alargar a sua installação, pois já de per si se encontra acanhada, e para poder proceder-se a outras installações em perspectiva, foi encarregado o distincto architecto portuense o sr. José Marques da Silva da elaboracão d'um projecto, cuja copia publicamos.

Sendo a sociedade de molde a perpetuar o avanço das letras modernas, sciencias e artes, arrancou o distincto architecto, da arte Romano-bysantina os traços geraes architectonicos para a sua obra, decoracão e embelezamento, pondo por esta forma perfeitamente compativel a edificacão com o fim a que é destinada, pois no presente seculo já pela pureza das suas linhas e traços geraes, já pelo sentimento e belleza artistica da sua estrutura tão distincta e tão originalmente sua, a arte romana occupa o primeiro logar, podendo afortunadamente dizer-se que vencera todos os estylos, pela escolha e preferencia que está tendo em edificacões em que seja preciso juntar o grandioso nas formas ao bello na ornamentação.

A. Silva.

## O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1886-1890

Os administradores da empresa do fallecido Campos Valdez. — Embaraços na administração. — Fuschini Machado e Mattos. — Companhia lyrica de opera e baille. — Operas que subiram á scena. — Recitas extraordinarias de Van Zandt. — Elevação de preços. — Exitos interior que tiveram n'esta epocha. — Como Van Zandt não estava sempre em posse dos seus recursos artisticos. — O abuso das bebidas alcoholicas. — Morte do rei D. Luiz I. — Acclamação de D. Carlos I. — Preferencia dos assignantes das recitas de Van Zandt para as recitas de gala no theatro de S. Carlos. — Pendencia de Portugal com a Inglaterra. — O ultimatum de lord Salisbury. — Queda do ministerio progressista. — Tumultos no paiz. — Manifestações contra os inglezes. — Muita paspalhice com pretexto de patriotismo. — Subscrições para a defeza nacional. — O patriotismo pouco generoso. — A marcha *Portugueza* de Keil. — Abuso de alguns espectadores exigindo a execução da *Portugueza*. — Concerto em S. Carlos em beneficio da defeza nacional. — *Patria*, cantata de Keil. — Opera nova em S. Carlos. — *Stella del Nord*, de Meyerbeer. — *Barbiers de Siviglia*, de Rossini, desempenhado por mulheres. — Artistas mais notaveis d'esta epocha. — Van Zandt — Tetrazzini. — Pasqua. — Brogi. — Menotti. — Bulicoff. — Aramburo. — Antonio Andrade. — A cantora portugueza Maria Judice da Costa. — Concertos classicos no salão de S. Carlos. — Banquete no salão de S. Carlos aos exploradores Serpa Pinto, Paiva d'Andrada, Cardoso e Victor Cordon. — Inauguração do novo Colyseu dos Recreios.

A morte de Campos Valdez, e o precario estado em que deixou a administração e as finanças do theatro e da sua casa particular, deixando viuva com filhos menores, trouxe certo abalo á empresa que ficou acephala, pois Valdez não tinha socio algum, de modo que se por um lado os seus herdeiros tinham direitos a todas as suas accões, e portanto ao contracto que lhe fóra adjudicado, por outro lado o governo não reconhecia na concessão feita outro empresario senão Valdez, tendo ainda que intervir no inventario e na administração a justiça, por ser inventario orphanologico, por haver filhos menores. Por fim removidas as principaes difficuldades, foi considerada como existindo ainda juridicamente a empresa Valdez, prestando-se alguns credores e amigos da familia a collocarem-se gratuitamente á testa da administração; ficando como administradores especiaes Augusto Fuschini, e o maestro Augusto Machado director tecnico.

O elencho da companhia lyrica da epocha de



cogitações do espirito, pelo valor das theorias e da salutar utilidade, quando postas em acção; é preferível a tudo isto conhecer antes o meio que nos cerca, unico que poderá mais tarde habilitar a escolha proveitosa dos melhores processos capazes de modificar e até de transformar as situações.

As condições do operario, as circumstancias do patrão, a índole d'aquelle, o caracter d'este, o grau de desenvolvimento physico e intellectual do primeiro u aptidão do segundo; sem que se possuam de modo preciso todos estes elementos de são juizo, permanece-se em sua casa na ignorancia completa do que lhe diz respeito, e com todo o saber que vac lá fóra apenas se conseguirá qualquer palliativo fraco e passageiro.

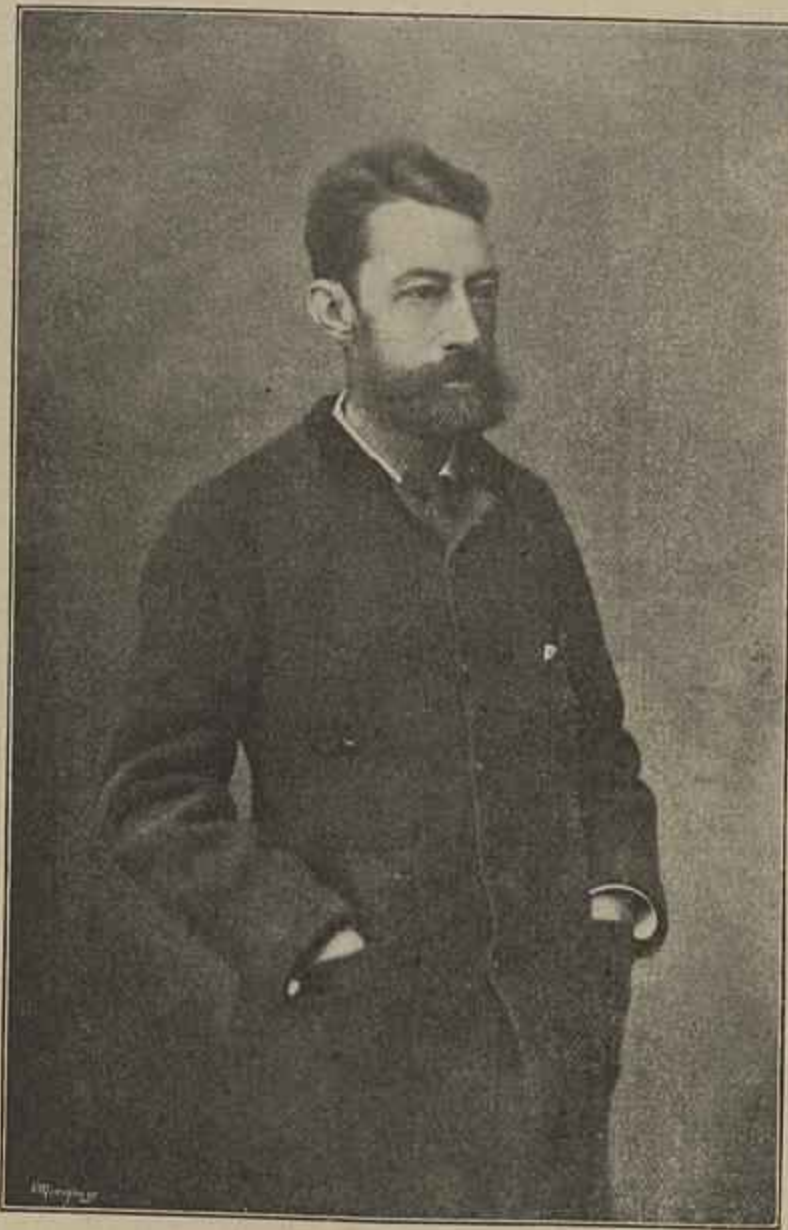
Nem os operarios lograrão já-mais, isolados, impôr a lei aos patrões, nem estes, só obedecendo á propria vontade e ambição, cumprirão nunca as promessas feitas áquelles!

Crear e manter o equilibrio entre uns e outros é tarefa acomodada aos governos, que demanda criterio apurado, intelligencia segura e consumada experiencia.

Urge accentuar na mente do operario que elle não tem o direito de permanecer sem a acquiescencia do patrão em seu serviço; que lhe assiste sim o direito de representação, sem ser por isso auctorizado a dispor, com falta de respeito, da vontade e da casa alheia; e que pôde, por ultimo, reclamar dos poderes publicos a protecção de que legalmente careça.

O patrão, porque é um homem e não mais que homem, deve aos seus operarios eguaes attenções e respeito aos que d'elles exige para consigo, impendendo ainda sobre seus hombros a responsabilidade de direcção superior e a obrigação inadiavel de lhes proporcionar a maxima segurança individual na ordem e importan-

## SOCIEDADE MARTINS SARMENTO



DR. FRANCISCO MARTINS SARMENTO

cia dos diversos labores, pagando religiosamente conforme os contratos e concedendo o tempo conveniente de descanso ou folga de que carecem os corpos.

Quando todos se compenetrarem bem d'este papel de equidade e de justiça, vê-se reinar a confiança mutua, a alegria, a verdadeira fraternidade recommendada por Jesus Christo dos braços de sua cruz.

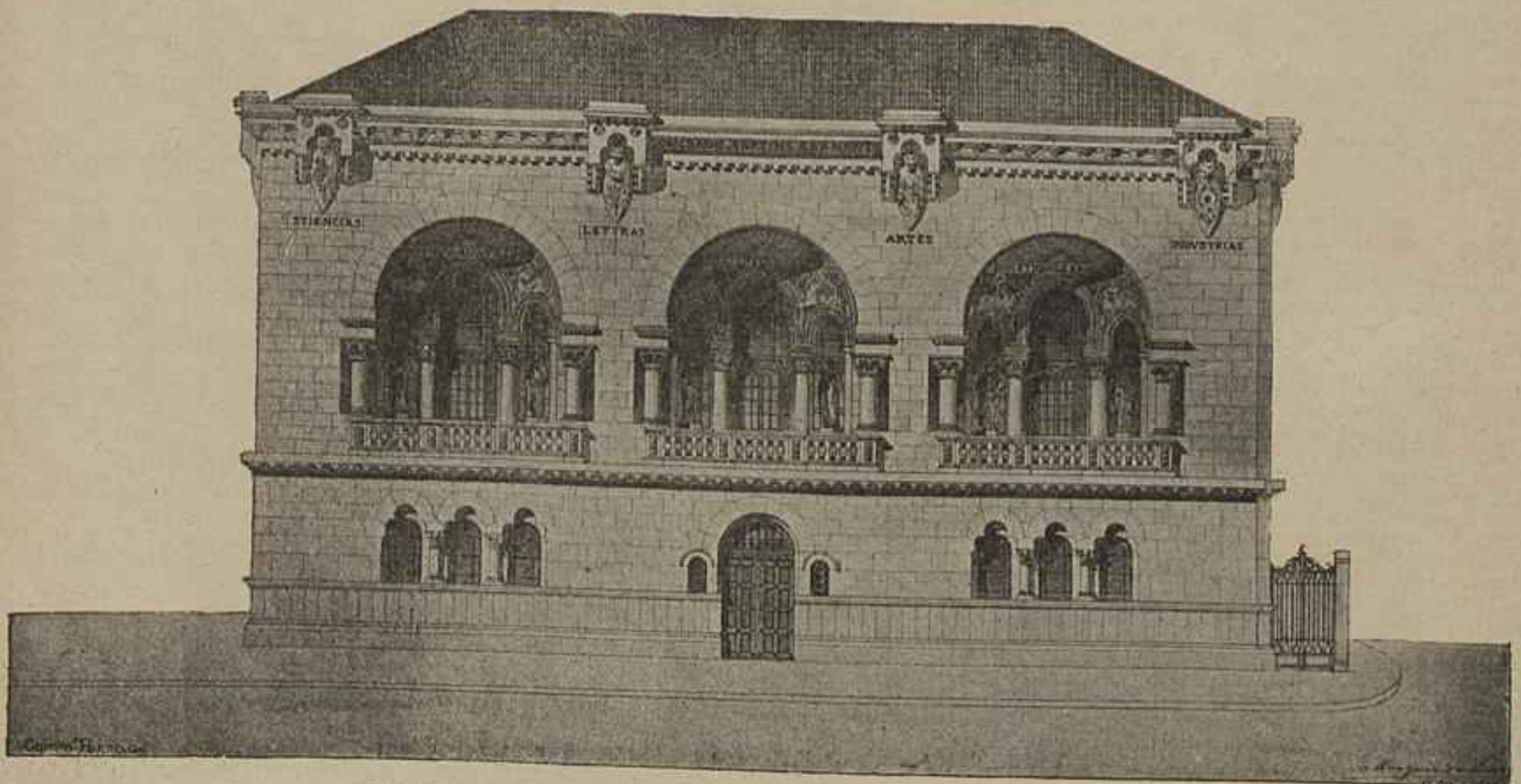
Não é pela força que devem intervir os governos; é inculcando principios de razão e encaminhando á sua pacificação decisiva os conflictos levantados.

Para attingir este fim nobre e legitimo, convem regulamentar o trabalho, estabelecendo principios geraes formulados em harmonia com as necessidades e tendencias da epoca, e oppondo principalmente aos recalcitrantes e grevistas insensatos a logica da verdade e a força do bom senso.

Pedir aos patrões mais humanidade e ao governo a protecção compativel com os principios da justiça e os direitos de cada um, é santo desejo de quem trabalha, aspiração nobre de espiritos rectos, satisfação plena de toda a consciencia honesta.

Que operarios de qualquer categoria e profissão nomeiem commissões incumbidas de pugnar pelos seus legitimos interesses, se associem em classes com escolas nocturnas, fundem cooperativas, angariem meios para a construcção de casas baratas, tudo isto e absolutamente regular e merecedor de sympathias geraes.

Que entre os proprios operarios se arvorassem alguns, mais dedicados ao bem do proximo, em verdadeiros mentores, tornando clarissima a todos a miseria organica e moral que deriva da frequencia das tabernas, tal procedimento seria a demonstração mais cabal de que ha homens profundamente inspirados por sentimentos altruistas, capazes de emprehender alguma coisa util e generosamente redemptora.



PROJECTO DO NOVO EDIFICIO DA SOCIEDADE «MARTINS SARMENTO»

## O Real Theatro de S. Carlos



NADINE BULLICIOFF



DELFINO MENOTTI

Individuos ainda hontem ignorados, crivados de dividas, quasi desde o berço polluidos de velharia e inimigos de quanto seja lealdade, entusiastas sim de scelealdade, prestidigitação e de dinheiros na bolsa angariado pelo suor alheio bem como de banquetes ruidosos em que ninguem inquiria de suas identidades, individuos d'esta raça oram ahi diariamente ás turbas illudidas, que não reparam que é só de si proprios que elles se occupam, embora em seus discursos confusos e palavrosos appareça a mistura qualquer phrase suggestiva e agradável á multidão.

Poderia citar factos e designar nomes que comprovassem as minhas affirmações; não é, porém, meu costume aggreir directamente quem não me offendeu, e só o faria caso o conhecimento íntimo das pessoas me habilitasse a um juizo seguro que fosse forçado a dar á publicidade.

Acredito, todavia, que não serão taxadas de exagero ou de meos verdadeiras as palavras que aqui ficam a respeito dos operarios, e que, quem de boa fe meditar um pouco sobre o ponderoso assumpto, reprovará sem vacillar o procedimento dos que intentam por meios indignos impôr-se á aura popular.

Que operario, por mais moderado que elle fosse, consentia que um estranho penetrasse abruptamente em sua casa e dispuzesse a seu alvedrio das pessoas e dos moveis, retirando-se em boa paz?

Não é a palavra dos *hypnotisadores* farçantes, dirigida ás massas, que ha de alliviar de sua sorte mesquinha os desherdados da fortuna; a historia do mundo nunca patenteou no curso das idades nenhuma victoria do bem pela bocca d'um canalha: o mesmo seria que conceder louvores a Satanaz, aniquillando a acção divina, tão brilhante e axiomática no conjuncto universal como nos re-



MARIA JUDICÉ DA COSTA

conditos da consciencia humana. Os Marat e quejandos de igual feitio, tantas vezes citados nos comicios aos operarios, não só não escapam á punição da justiça da terra e até ao punhal do assassino, mas pesa sobre a sua memoria accusação tremenda.

Se a submissão levada ao ponto de abdicar totalmente a liberdade é aviltante e degradante, a desobediencia a tudo reclama imperiosamente a severidade das leis e justifica mesmo o emprego da força.

Operarios! Só é vosso amigo quem vos aconselha a ordem e vos solicita para o seio da familia.

O modelo unico dos amigos da humanidade, Jesus Christo, procedeu assim.

D. Francisco de Noronha.

## A MULA DO PAPA

POR

Alphonse Daudet

(Concluido do numero antecedente)

Tambem a mula tinha pouca vontade de rir... Agora, á hora do vinho, via chegar uns cinco ou seis meninos do côro, que logo se deitavam para cima da palha com os capuzes e as rendas; instantes depois, era um cheiro bom e quente de rebuçado e hervas aromaticas enchendo toda a cavallariça, e chegava o Tistet Védène trazendo com todo o cuidado a tjeila de vinho á franceza. Principiava então o martyrio do animal.

Aquelle vinho perfumado de que tanto gostava, que o aquecia por dentro, que lhe dava azas, traziam-lh'o cruelmente até á mangedeira, davam-lh'o a cheiar, mas logo que as ventas se arregalavam... viste-lo! O lindo licor de chamma côr de rosa era todo para



recimento da vida, em Marte, primeiro do que na Terra.

Vejamos ainda a constituição de Marte e comparemos-a com a da Terra, a fim de podermos tirar algumas conclusões acerca da antiguidade d'esse planeta em relação ao nosso.

Está provado que a quantidade de mares existente em Marte é muito diminuta. Umás manchas esverdeadas e sombrias que, em tempo foram tidas por verdadeiras correntes de agua, são hoje consideradas como terras húmidas. Re: onhecem-se, em Marte, tres especies de manchas: 1.º As manchas claras, que são consideradas como terra firme.— 2.º As manchas sombrias que se supõe serem constituídas por terras húmidas, como acima dissemos.— 3.º As manchas esverdeadas consideradas mares. Comparando a quantidade de agua, em Marte, com a da Terra, vê-se que n'aquelle planeta, esta é em muito menor abundancia. Emquanto que na Terra a agua cobre tres quartas partes do globo, em Marte a agua apenas cobrirá a quarta parte, o que ainda attendendo ás dimensões relativas, significa uma porção minima de agua comparada com a porção de terra firme.

Sabemos tambem que muitos geologos admittem que na Terra, a agua e o oxigenio do ar, penetrando no interior da terra, vão oxydar, hydratar e formar saes com os metaes existentes nas camadas inferiores.

Lord Kelvin avança mesmo até admittir que, por este facto, uma epoca virá em que o vapor d'agua e o oxigenio desaparecerão por tal forma da terra, que a vida se ha de tornar impossivel. Admittindo como verdadeira a theoria, é mais uma prova da antiguidade do planeta.

Mas tudo isto são, unicamente, simples supposições, porque todos estes factos citados não estão de tal forma provados para que se possa concluir qualquer cousa sobre a probabilidade da vida em Marte.

Se até aqui, nada sabiamos, continuamos ainda, na mesma ignorancia. São mysterios da natureza que se não desvendam com essa facilidade!

Antonio A. O. Machado.

## NECROLOGIA

### O POETA CAMPOAMOR

Esgotou-se a luz que illuminava o espirito do poeta mais popular e querido, do ultimo seculo, da nação visinha.

Fulgurante talento já como poeta já como orador é a sua morte considerada de perda nacional em Hespanha.

Philosopho, observador, e lyrico apaixonado era o poeta popular por excellencia sabendo, na simplicidade dos seus versos, encerrar a grandeza d'um pensamento sub ime, todo o arrebatamento d'uma paixão, todo o ideal d'um sonho mystico.

Quantos labios carminados das gentis filhas de Castella não balbuciarão trementes, dominadas, languidamente apaixonadas pelo poeta amavel, as quadrasinhas simples cheias de verdade de sentimento e que em duas phrases encerravam toda a queixa d'um amor não correspondido ou a vehemencia d'uma paixão ardente.

Das *Doloras* e das *Humoradas* quantas quadras não se tornaram populares e as temos ouvido garganteadas ao som das *guitanas*, das filhas d'Andaluzia.

E no emtanto toda essa popularidade, todo o amor e respeito d'uma nação que lhe queria, que repetia as suas palavras hora a hora minuto a minuto que o adorava como a um idolo da sua poesia não o preservou nem defendeu da morte que ceifa talentos e homens mas que embora elle que desapareça não desaparecerá o seu nome no grande livro d'aquelles a quem uma nação reconhece presta o seu preito d'homenagem e admiração. Poeta d'envergadura e raça finou-se em Madrid em 12 de fevereiro, traduzindo toda a imprensa do visinho reino a magua e dôr d'um povo que vê desaparecer para sempre a mais pura e brilhante gloria litteraria hespanhoia do seculo.

BENJAMIN HARRISSON

Nascido a 20 de agosto de 1823, em North Bend (Ohio), acaba de fallecer na idade de 68 annos, o ex-presidente da Republica dos Estados-Unidos da America, Benjamin Harrisson.

Tendo sido o 23.º presidente eleito, succedeu

no governo ao seu antecessor Cleveland, tendo sobre elle nas eleições uma maioria de 35 votos.

Tendo-se formado em direito em 1853 contando apenas 20 annos de idade, estabeleceu-se no anno seguinte em Cincinnati como advogado, sendo eleito em 1860 pelo partido republicano relator do Supremo Tribunal da Indiana.

Breve se evidenciou entre os seus collegas, criando no entanto grande fama na guerra separatista, em que tomou parte, ganhando posto a posto o de general.

Terminada a guerra entrou activamente na politica, sustentando brilhantemente as candidaturas a presidencia, de Garfield e Cleveland.

Eleito successivamente, deputado e senador foi em 1888 que assumiu a presidencia da Republica Norte-Americana cargo do qual se desempenhou com elevado criterio devendo-lhe a grande republica serviços de incontestavel valia o que a breve trecho o popularisou e tornou querido.

Citaremos como factos capitales do seu governo, a comemoração do Centenario de Washington, a annexação dos novos estados de Wyoming e Idaho e a votação em 1890 da celebre pauta proteccionista apresentada e elaborada pelo actual presidente Mac-Kinley.

Dotado de rara intelligencia apontam-se diversas notas curiosas da vida do illustre extincto que pertencia a uma sociedade de temperança, não bebendo coisa alguma espirituosa o que contrasta com o vicio de fumar que elle cultivava como um dos mais incorrigiveis fumadores.



Recebemos e agradecemos:

*Ave-azul* — Revista de arte e critica. Directores: D. Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos Viseu. É esta revista uma delicada publicação no qual os illustros directores teem evidenciado as suas brilhantes faculdades de poetas e prosadores, que o são deveras. Os primeiros fasciculos da segunda serie da *Ave-azul* foram publicados em 25 de fevereiro de 1900.

*O Zoophilo* — Publicação mensal illustrada orgão das sociedades protectoras dos animaes em Portugal — 25.º — anno — N.º 1 Lisboa — Janeiro, 1901. Como se vê, acaba de entrar no seu vigesimo quinto anno esta interessante publicação, pelo que endereçamos ao seu director os nossos parabens e congratulações.

*A Agricultura Contemporanea* — revista mensal agricola e agronomica — Lisboa 1900. Com o seu n.º 42 do X anno encerrou-se o tomo decimo relativo a 1899-1900. Collaborada excellentemente por muitas das melhores pennas da especialidade. Desde a sua fundação em 1886 que a *Agricultura Contemporanea* tem visto augmentar o justo apreço que os entendidos lhe dedicam.

*Correio Selecto* — Supplemento scientifico, litterario, recreativo e bibliographico d'«O partidario» — Villa do Conde — 1900. Tendo começado em pequeno formato já ultimamente o augmentou este periodico, ajuntando ás suas diversas secções a de *folk-lore*, de certo uma das mais interessantes e que no nosso paiz ainda não está explorada sufficientemente. Nos numeros publicados acham-se recolhidos varios romances, canções e adagios populares que muito podem ajudar os estudos que posteriormente se fizeram sobre o assumpto.

*Sombra e Luz* — Revista mensal de letras, arte photographia e sport — Director proprietario Augusto Gama — Porto — 1900. É sem duvida uma das bellas revistas que no genero, e até fora d'elle, entre nós se tem publicado, concorrendo n'ella a par a selecção dos assumptos, a distincta collaboração litteraria, e a perfeição das illustrações, formando um conjunto magnifico a que dá subido realce o primor da edição na sua parte material.

*A Esperança* — Revista colonial, popular, encyclopedica — Anno I — Braga — 1901. Impressa em Braga constitue esta revista um supplemento mensal do *Almanach Luso-Africano*, e apresenta-se como publicação cabo verdiana, dedicada a mocidade colonial, sendo seus redactores n'aquella cidade do continente o rev. conego A. J. d'Oliveira Bouças, e em S. Nicolau de Cabo Verde o rev. conego A. M. da Costa Telxeira, illustrados sacerdotes que se impuzeram a tão proveitosa publicação, e oxalá ella progrida como e para desejar, derramando no ultramar a boa e sã leitura, educando o espirito e aprimorando o bom gosto dos portuguezes d'alem-mar.

*Passatempo* — Revista quinzenal illustrada — Lisboa — 1900. Eis um novo periodico litterario e artistico que se deve á iniciativa da secção de publicidade dos *Armazens Grandella*, d'esta cidade. «Não causam damno as muzas aos doutores» disse o nosso Antonio Ferreira; porque não tratará de litteratura um estabelecimento mercantil e industrial? A prova de que o pode fazer e com pleno exito está nos numeros já publicados da graciosa revista, a que desejamos longa vida.

*Portugal Agricola* — Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defesa da lavoura na metropole e nas colonias — Redactor-Proprietario: João Achilles Ripamonti — Lisboa — 1900. Não tarda a completar doze annos de publicação esta revista agricola, uma das mais apreciadas na sua especialidade. O acolhimento assaz lisonjeiro com que tem sido distinguida pelo publico e pelas entidades officiaes são sobremodo justificados, e abonam a competencia do seu digno redactor-proprietario.

*A Parodia* — Caricaturas de Raphael Bordallo Pinheiro e M. Gustavo Bordallo Pinheiro — Lisboa — 1900. Já entrou no seu segundo anno de publicação este espirituoso e engraçado semanario, illustrado pelos lapis prestigiosos dos notaveis caricaturistas Raphael Bordallo Pinheiro e seu filho Manoel. O anno decorrido forma um volume interessante, de leitura divertida e de illustrações admiraveis pela originalidade da idéa pela sua propriedade, e fina critica dos acontecimentos. O primeiro volume da *Parodia* é pois um digno successor dos celebres periodicos satyricos *O Antonio Maria* e *Pontos nos 11*, e n'elles se affirmá, e confirma, se tal ainda fosse necessario, o grande talento dos dois caricaturistas.

*Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra* — Coimbra — 1901. Começou ha pouco a publicação d'este hebdomadario destinado a dar periodicamente uma nota exacta de todas as publicações, quer nacionaes quer estrangeiras, que entrarem na bibliotheca d'aquelle estabelecimento scientifico. A par d'este registo o *Archivo* irá publicando o *Catalogo dos manuscritos*, de que apenas existe um esboço incompleto e imperfeito, e reproduzirá um outro inédito de reconhecido valor, publicação esta que muito se impõe pelo inevitavel deterioramento de certos manuscritos. Foi pois uma boa idea a da fundação d'esta revista, e por ella louvamos o digno director da bibliotheca universitaria.

*Revista Industrial de Couros e Pelles* — Sapataria — Lucaria — Sellaria e Correaria — Lisboa — 1900. Com a collaboração de profissionais das varias industrias é esta revista destinada a Portugal, colonias e Brazil, ignorando nós se já terminou a sua publicação, pois que ha tempo que a não recebemos.

*Revista Madeirense* — Publicação dos domingos para litteratura, commercio, agricultura e industria — Director e proprietario Jayme de Campos Ramalho — Funchal — 1900. Para propaganda e vulgarisação de conhecimentos uteis se começou a publicar na ilha da Madeira esta interessante revista, que conta grande numero de colaboradores, e se apresenta com selecta escolha de assumptos.

*Gazeta dos Caminhos de Ferro* — Lisboa — 1901. Entrou no seu decimo quarto anno de publicação este magnifico periodico ferro-viario, dirigido pelo nosso estimado collega sr. L. de Mendonça e Costa, que não cessa de o elevar, apresentando uma das publicações que mais completas se publicam sobre o assumpto. A *Gazeta* contém uma parte official que lhe dá muito valor, e dispõe de valiosos elementos de redacção e consultada, sendo redigida por dois proficientes escriptores o sr. engenheiro C. Xavier Cordeiro e o sr. J. de Oliveira Simões, o que dá solida garantia a quem consultar o ultimo periodico.

*Os Pontos* — Semanario de caricaturas — Proprietario J. Alberto de Sousa — Porto — 1901. Encetou o seu sexto anno de publicação este apreciado semanario humoristico portuense, graciosamente illustrado pelo lapis do Nogueira, e collaborado por espirituosos escriptores.

*A Chronica* — Revista illustrada e litteraria — Director Luiz da Silva — Lisboa 1901. Já se encontra no segundo anno de publicação esta revista que pela sua variada e selecta collaboração litteraria, quasi sempre inédita, tem sabido conquistar, um logar muito distincto entre as suas congeneres.

*A Aurora do Cavado* — Director Rodrigo Velloso — Lisboa — 1901.

Este antigo periodico bibliographico, que já conta 34 annos de existencia, entrou agora no segundo tomo da sua nova serie, merecendo sempre a sympathia de quantos moirejam nas letras pela sua boa critica que lhes dispensa e que muito tem contribuido para o geral conhecimento da bibliographia portugueza, de que fica sendo um copioso e interessantissimo repositorio. Nas suas columnas teem recebido o melhor incitamento grande numero dos nossos escriptores, e isto constitue porventura o mais bello elogio que se possa fazer da *Aurora do Cavado*.

**O Futuro dos povos catholicos** por *Emilio de Laveleye* e traduzido do francez pelo dr. Miguel Vieira Ferreira — Quinta edição prefaciada e anotada — *Livrarias Evangelicas* — Porto 1900.

Não devendo deixar de aqui noticiar, como indistinctamente o fazemos, qualquer publicação com que nos honrem os seus auctores ou editores, é comtudo com uma certa reluctancia que nos referimos ao presente opusculo de Emilio Laveleye contra a religião catholica, porque em verdade não lhe faltam qualidades de persuasão e porque da sua leitura devem fugir todos aquellos em quem a firmeza das convicções não estiver á prova a que ella a sujeita.

Felizmente para nos já não vos convertem libellos d'este genero, porque uma certa experiencia amadurecida nos inibe e acautella.

Prevenidos assim os leitores em cujo espirito impressionavel possa causar abalo a doutrina espalhada com esta edição pela Mocidade Protestante Portugueza, aqui fica a noticia devida, mas de envolta com o avizo.

**Encyclopedía Portugueza illustrada.** — *Diccionario Universal publicado sob a direcção de Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, e com a collaboração effectiva de grande numero de homens de sciencia e litteratos portuguezes.* — Lemos & C.<sup>a</sup> Successor. — Largo de S. Domingos, 63-1.<sup>o</sup> — Porto.

Com a maxima regularidade temos continuado a receber este magnifico diccionario que vae já no seu fasciculo. — N.<sup>o</sup> 102 (47 do 2.<sup>o</sup> volume) al cançando ao vocabulo *Cervos*.

Tão monumental obra, tão util e necessaria, deve merecer o maior apreço, porque é selecta e proficientemente redigida, por sabios-especialistas e litteratos eruditos, que, sob a esclarecida direcção do sr. dr. Maximiano Lemos, n'ella colaboram permanentemente.

Aos leitores indicamos que esta notavel encyclopedía se continúa a assignar em todas as livrarias e no escriptorio da empresa editora. Em Lisboa são correspondentes os ars. Belem & C.<sup>a</sup>

**Folhetos para o povo.** — N.<sup>o</sup> 3 e 4. — Lisboa, 1.<sup>o</sup> vol.

Não recebemos os dois primeiros folhetos, tendo apenas presente o do *Remedio contra a usura* e o das *Loas á cidade de Bragança*, uns escriptos interessantes, principalmente o primeiro, que deve ser lido e meditado não só pelos habitantes de Mogadouro a quem o seu auctor o sr. dr. Trindade Coelho, o dedica, mas pelos de todo o paiz, pois contem uma serie de conselhos para a fundação de pequenas caixas economicas, mostrando quanto ellas ajudam os pobres nas suas necessidades, e inculcando a previdencia, espalhando o espirito da economia, que, em verdade, tanto falta ao operario portuguez. E apresenta tal persuasão, tão suggestivas minucias, que só lamentamos que tão boa doutrina não possa vir a ser devidamente generalizada porque... aquellos para quem foi publicada não sabem ler. Improficuos na sua maxima parte se tornam, pois, os louvaveis esforços do auctor, pelo menos emquanto os analphabets forem em tão grande numero.

As *Loas á cidade de Bragança* teem por fim inculcar no espirito dos eleitores d'aquelle circulo a idéa, cívica e patriótica, de que não devem entregar a representação d'elle em cortes senão a filhos da mesma terra, contrario do que tem succedido nos ultimos tempos. As loas estão escriptos com o sabor do verso popular, que o auctor — que, — descessario seria declarar o, e o mesmo sr. dr. Trindade Coelho, imitou com muita felicidade. A ultima quadra que, como todas as outras verbera a preeminencia politica alcançada por Villa Real, diz assim:

«Defende a tua cidade  
«Põe-te em guarda, povo forte!  
«Não te passe a villa adiante,  
«Nem na vida nem na morte!»



CAMPOAMOR

FALLECIDO EM 12 DE FEVEREIRO DE 1901

**Diccionario das Seis Linguas** — Editado pela *Empresa do Occidente* — Lisboa.

Já se encontra bastante adiantado o importante diccionario linguistico que a Empresa do Occidente, sob o titulo de *Diccionario das Seis Linguas*, está publicando, e que constitue um verdadeiro modelo no seu genero. Os ultimos fasciculos em distribuição alcançam ao n.<sup>o</sup> 73, e cada vez mais se affirma o lisongeiro apreço que tão engenhoso e util trabalho logrou despertar tanto no nosso paiz como fóra d'elle.

Elaborado por uma forma completamente original, o *Diccionario das Seis Linguas* torna-se tão indispensavel a qualquer pessoa que apenas conheça a sua lingua como ás mais opulentas bibliothecas, porquanto pela sua consulta, facil e clara se obtem plena satisfação a qualquer duvida linguistica tanto da propria lingua como das

outras cinco estrangeiras. Esta economia de espaço e de tempo seria porventura um dos melhores titulos por que se devesse recomendar a obra se muitos outros não possuísse. Nem sempre é facil adquirir, e com a necessaria selecção, os jogos de dictionarios que o *Diccionario das Seis Linguas* substitue perfectamente com a grande vantagem da extrema modicidade do preço de 40 réis cada fasciculo de 16 paginas de composição cheia e impressão nitida e legivel, de modo a formar um unico volume, commodo e manuseavel.

O diccionario abrange as seguintes linguas: francez, inglez, portuguez, allemão, italiano e hespanhol e divide-se em tres partes. A primeira trata das diversas pronunciações das seis linguas com relação a cada uma d'ellas. A segunda é o vocabulario geral, por assim dizer o corpo do diccionario. A terceira é o indice rigorosamente alfabético de todas as palavras das seis linguas e seguidas da respectiva traducção na lingua que se tomou para base do texto geral. Tem-se assim a chave do diccionario; permitindo a busca rapida do termo de que se quizer conhecer a traducção ou a significação, que são dadas com toda a propriedade e definidas com o maior rigor da sciencia moderna.

A pedido de grande numero de assignantes, aos quaes a lingua franceza, tomada pela base do vocabulario geral, é bastante accessivel, tratou a empresa editora de publicar de preferencia a segunda parte da obra, o texto propriamente dito do diccionario; d'ahi resulta a notavel circumstancia de que achando-se ainda em via de publicação as outras duas restantes, o *Diccionario das Seis Linguas* e já de incontestavel utilidade para quem o possui.

Todas as semanas se publica regularmente um fasciculo de 16 paginas e dentro em pouco tempo a obra deverá estar completa.

**A Policia** por D. Francisco de Mello e Noronha — Lisboa, 1901.

Offerecendo e dedicando esta sua *separata* ao actual ministro do reino, sr. conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, declara o auctor, o nosso illustrado amigo e collega sr. D. Francisco de Mello e Noronha, o seguinte, que dá perfeita idéa das suas nobilissimas intenções, merecedoras de incondicional applauso:

«... escolhi o meu estudo *A Policia* (assumpto de importancia moral pratica) para objecto da mesma *separata* porque entendo que a primeira obrigação de homem que ama o seu paiz e a quem Deus em sua infinita bondade concedeu alguma luz intellectual e faculdades de trabalho, é não limitar apenas o rendimento a platonismo simples e pôr aquella e estas ao serviço da patria.»

No folheto reproduz o sr. D. Francisco de Noronha um seu anterior estudo, que em tempo publicou no *Correio Nacional* sobre a policia. N'elle analisa judiciosamente os regimentos que deve ter uma boa corporação policial e faz observações muito justas, que todos quantos se interessarem pelas coisas d'administração, especialmente no que respeita á ordem publica e á segurança dos cidadãos, não devem deixar de ler e meditar com attenção.

**Catalogo geral de impressos em deposito, offerecido pela Casa Minerva ás repartições publicas do reino e ilhas** — VIII edição — Coimbra — Janeiro de 1901.

O infatigavel proprietario da bem conceituada *Casa Minerva* de Coimbra, sr. José Monteiro Pinto Ramos, publicou ha pouco uma nova edição do seu catalogo geral de impressos para uso das repartições publicas e de diversos objectos de papelaria, escriptorio, imprensa, etc., e dos vinhos do Porto e chás, que se encontram á venda no mesmo estabelecimento.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.



BENJAMIN HARRISSON

FALLECIDO NO DIA 14 DO CORRENTE